

Os conceitos educacionais em Kant e sua aplicação em uma pedagogia interdisciplinar J. BRANDÃO (1); S. Q. GUARINIELLO (2)

(1) Mestre e Doutor em Literatura pela Universidade de São Paulo (USP), Professor Titular do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA/SP) e coordenador do Grupo de Pesquisa CONDESIM-FOTÓS/DGP-CAPEs.

(2) Mestrando do Programa em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro – UNISA. Pós-graduado em ensino de Filosofia pela UFSCAR. Membro do Grupo de Pesquisa CONDESIM-FOTÓS/DGP-CAPEs.

E-mail: silvioguariniello@hotmail.com

COMO CITAR O ARTIGO:

J. BRANDÃO; S. Q. GUARINIELLO. **Os conceitos educacionais em Kant e sua aplicação em uma pedagogia interdisciplinar**. URL: www.italo.br/portal/cepep/revistaeletronica.html. São Paulo SP, v.8, n. 3, p. 160-181, jul/2018

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar conceitos da educação em Immanuel Kant como: maioria, minoria, emancipação e esclarecimento, e aplicá-los pensando sobre o grande desafio da educação contemporânea, a educação interdisciplinar, ou seja, um modelo de pedagogia que seja capaz de unificar competências que pense o todo. O propósito é preparar indivíduos esclarecidos e emancipados, desenvolvendo uma formação humana integral, bem como conectar formas de conhecimento racionais e emotivas, tendo como eixo central a vida.

Palavras-chaves: Kant; Educação; Interdisciplinaridade

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze concepts about education in Immanuel Kant like: majority, minority, emancipation and clarification, and apply them, thinking about the great challenge of contemporary education, the interdisciplinary education, in other words, a kind of pedagogy that is able to unify skills who think all together. The goal is to prepare clarified and emancipated persons, developing an integral human formation, as well as for connecting reasonable and sensitive knowledge forms, having the life as central shaft.

Keywords: Kant; Education; Interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

Immanuel Kant (1704-1804) nasceu e faleceu na cidade de Königsberg, Prússia. Era extremamente sistemático e metódico, fator que influenciou em suas obras. Foi o criador da filosofia crítica, revolucionou a questão do conhecimento com a famosa “Revolução Copernicana” e fez uma crítica sobre os limites da razão pura e prática, entendendo a espécie humana como dotada de uma essência do Bem, que precisaria ser desenvolvida e cultivada, em que o caminho a ser percorrido para o desenvolvimento seria a educação.

Além de um grande filósofo, Kant, foi um grande educador. Teve longa experiência pedagógica sempre preocupado com a formação humana e com os problemas educacionais de sua geração. Foi um esplêndido professor Universitário e por mérito próprio conseguiu uma cátedra na Universidade em Königsberg, transformando-a em um ambiente voltado para a pesquisa e para o ensino. Antes disso, trabalhou durante seis anos como professor “preceptor”, lecionando e morando na casa do empregador (geralmente famílias nobres). Essa experiência de vida teve grande importância para o desenvolvimento de sua formação pedagógica, visto que, juntando suas estratégias educacionais com suas ideias filosóficas elaborou um belo processo educacional unindo o filósofo e o pedagogo. Essa junção, culminou em um pensamento rico, com elaboração de conceitos como esclarecimento, maioridade, razão e estética que servem de base para pensarmos o grande desafio da educação contemporânea, a educação interdisciplinar. Vamos analisar em que aspectos esses conceitos

elaborados por Kant podem contribuir para refletirmos sobre os problemas pedagógicos na educação hoje.

KANT E ESCLARECIMENTO

O século XVIII também é definido por alguns estudiosos como o “século da pedagogia”, visto que, o movimento iluminista exaltava a busca da verdade que seria encontrada através do aprimoramento educacional (DALBOSCO,2011 p. 120). Esse movimento, da qual Kant fazia parte, enaltecia a razão humana e o uso crítico da razão contra os dogmas, superstições religiosas e tiranias que eram denominadas como heteronomia. Immanuel Kant inicia sua obra intitulada: “Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?” com a seguinte afirmação:

Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento. (KANT, 1783).

O esclarecimento (Aufklärung¹) para Kant não é algo imóvel, exclusivo de indivíduos ou de uma geração, ou que já houvesse sido alcançada em alguma época da história da humanidade, mas sim, um grande processo em que, no aspecto individual, demarcaria a saída do

¹ O termo alemão usado por Kant é Aufklärung. Nenhum termo português oferece equivalência satisfatória. As traduções mais frequentes são: iluminismo, ilustração, filosofia das luzes, época das luzes, esclarecimento.

estado de menoridade através de empenho humano guiado pela razão e pela liberdade rumo a maioridade. O próprio indivíduo é o responsável por estar na condição de menoridade, podendo ser por preguiça, submissão ou covardia, sendo a principal forma de combatê-la, o desenvolvimento da capacidade de pensar por si mesmo, necessitando somente de força de vontade e empenho. Todos por terem a capacidade de fazer uso da racionalidade e da liberdade são indivíduos aptos a irem em direção a maioridade. Portanto, cada indivíduo é responsável por seu próprio aprimoramento e pelo desenvolvimento de suas habilidades cognitivas devendo sempre aprimorar sua formação com o uso da racionalidade. Logo, o sujeito que renunciasse o esclarecimento e a emancipação para si, estaria lesando o direito sagrado do esclarecimento para a humanidade (KANT, 1999, p. 19).

Em uma obra intitulada “sobre a pedagogia” (união de artigos resultantes das aulas ministradas por Kant nos cursos de pedagogia entre 1776 e 1787) e publicadas por seu discípulo Theodor Rink, Kant trata e analisa exclusivamente o tema educação vinculada a razão. Na visão Kantiana, a educação desenvolvida pela racionalidade, é o que transforma os indivíduos e a sociedade e nos diferencia dos animais, sendo estes, regidos pelos instintos, possuem uma inclinação natural que os comandam para sua sobrevivência, estando presente nas formas de agir e de se comportar, desenvolvendo habilidades que garantem a continuidade da espécie. Os seres humanos, ao contrário, são mais livres em relação as amarras da natureza e da escravidão, mas essa liberdade necessita do uso da racionalidade e da instrução. O progresso está associado a instrução. A ignorância leva a escravidão da servilidade, ou seja, menoridade. A instrução ameniza os vícios, esclarece e ilumina a direção para a construção dos valores éticos e

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.8, n.3 jul/2018

morais e está em conexão com a educação, abrindo caminho para a maioridade.

Na concepção de Kant (1999, p.19) a educação é uma arte que precisa ser aperfeiçoada, pois não existe uma fórmula pronta a ser seguida, visto que, vai passando de geração em geração, aprimorando-se, devendo ser direcionada para o uso do Bem, desenvolvendo assim, indivíduos moralmente melhores.

A educação é mais que pedagogia, é o produto e resultado da humanidade, edificando os princípios do progresso que norteiam o futuro da espécie humana em sociedade. Se a morte é o fim do indivíduo, mostrando a finitude do homem, a educação e seu aprimoramento, passado de geração em geração, é a imortalidade da espécie. A educação, portanto, é sinônimo de progresso e avanço para a Modernidade. A educação deve ser voltada para o desenvolvimento humano, necessitando ser física e prática. A educação física busca o refinamento dos sentidos e o fortalecimento do corpo e deve ser orientada para desenvolver a autonomia e o distanciamento dos vícios nas crianças. É uma prática que precisa ser orientada por adultos, visto que, as crianças ainda não possuem um pensamento formado e estruturado sendo comandadas pelas pulsões e desejos, cabendo aos adultos guiá-las e orientá-las rumo ao esclarecimento. Segundo Dalbosco:

A educação física se orienta pela tensão entre as necessidades da criança e os cuidados do adulto. Além do choro, a criança possui muitas outras necessidades reais, como a fome, o sono, a locomoção motora e a própria necessidade afetiva. Então é decisivo nesse contexto, o modo como o adulto dispensa seus cuidados para tender tais necessidades. Mais ainda, o adulto possui a árdua tarefa de identificar o que é real e fantasioso naquilo que é manifestado pela criança e buscar atender as

suas necessidades reais, sem viciá-la em seu caráter. (DALBOSCO,2011 p,110).

A educação prática, por sua vez, visa o desenvolvimento das capacidades educacionais do educando para que consigam fazer uso do seu próprio entendimento. Kant analisa a atitude humana junto com o agir pessoal e conclui que ela se reflete diretamente no viver em sociedade, no agir prático. Portanto, a razão pura se torna a prática em si mesma, sendo a estrutura moral em que a razão fornece as leis na condução das escolhas morais que são inatas a todos os seres humanos. A educação prática, tem papel fundamental na construção e desenvolvimento do homem, pois consiste em um viver livre e autônomo, não apenas pensando em si mesmo, mas como um integrante da sociedade, fator diretamente ligada com a moralidade. A educação prática forma um sujeito que consegue resistir as inclinações dos desejos através de um conhecimento voltado para o desenvolvimento de uma ação boa em si mesma, ou seja, ética.

Na obra “Crítica da Razão Pura”, Kant analisa os limites e possibilidades do conhecimento humano, juntando em sua elaboração tanto a teoria racionalista, que defendia que somente a razão seria capaz de elaborar teorias verdadeiras acerca dos objetos através da razão, e a teoria empirista, que se opunha ao pensamento racionalista alegando que, a razão, somente pensava os dados que eram fornecidos pelas sensações, dado que, o conhecimento verdadeiro, originava-se da experiência. Portanto, podemos destacar que, na visão de Kant, existem dois tipos de conhecimento: o conhecimento *a priori* e o conhecimento *a posteriori*. O conhecimento *a priori*, também interpretado como conhecimento puro, é aquele que mantém sua

essência universal e necessária. Podemos encontrar o conhecimento a priori na álgebra, aritmética, geometria, trigonometria, combinatória, física matemática, teoria das probabilidades, cujo raciocínio é lógico e de forma abstrata. Esse conhecimento é interpretado como racional e objetivo. Logo, o conhecimento puro é a própria razão pura. O conhecimento *a posteriori*, também interpretado como conhecimento empírico, é aquele que mantém sua essência na experiência. Segundo Kant, o conhecimento humano não pode basear-se somente pela experiência (PASCAL, 2011, p.31). A essência primeira é o que vem a priori, pois é pura, exata e cujo resultado não se altera. Porém, é importante a junção do conhecimento *a priori* e *a posteriori* pois ambos se completam.

Transceder significa ultrapassar limites e os limites que Kant quis ultrapassar foram os limites da experiência. Para explicar o sujeito transcendental, Kant foi buscar inspiração na “revolução copernicana”. Nicolau Copérnico (1473-1543) matemático e astrônomo, de origem polonesa, desenvolveu a teoria do heliocentrismo. Antes de Copérnico, os pensadores analisavam o movimento dos astros no céu pelo método empirista em que, diariamente, experimentavam o nascer e o por do sol, da lua e dos astros estelares visíveis no céu. Ninguém na era medieval ousava desafiar o poder da Igreja Católica Romana que, considerava como verdade absoluta, a terra como centro (teoria geocêntrica). Até que Nicolau concluiu que aquela visão de mundo era ilusória, pois aos olhos do observador o fazia acreditar numa verdade que, de fato, não existia. Ao longo de suas sete décadas de vida, dedicou-se a estudar o giro da terra sobre seu próprio eixo, diferenciando o movimento diário do movimento anual. Em sua obra “Das Revoluções dos Corpos Celeste”, Nicolau Copérnico estabeleceu que, de fato, era a terra que girava em

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.8, n.3 jul/2018

torno do sol e que a distância entre a terra e sol, pelos seus cálculos matemáticos, era bem pequena se comparado com as estrelas visíveis a olho nú.

Cientistas renomados não deixaram que a obra “Das Revoluções dos Corpos Celeste” sucumbisse à escuridão filosófica e científica que pairava sobre a Idade Média, como Galileo Galilei (1564-1642), que embora não tenha ousado desafiar o dogmatismo da Igreja Católica Romana, estudou e comprovou que a tese de Copérnico era correta, bem como Isaac Newton (1642-1727), que arquitetou, baseado na física, a gravitação dos planetas em torno do sol. Baseado na “revolução copernicana”, Kant propôs semelhante revolução onde as formas de conhecimento não estariam na parte externa, ou seja, no mundo, mas no interior do indivíduo, embora ele não duvide da existência das coisas na parte externa é o espírito que age na construção do conhecimento. Em suma a “revolução copernicana” de Kant é a substituição de um conhecimento idealizado para um conhecimento realista em que, o próprio indivíduo, tomaria as rédeas para elaboração das suas formas de conhecimento (PASCAL,2011, p.36).

Segundo Kant, na idéia de transcendência, a maneira com que um conhecimento se relaciona com o objeto denominamos de intuição e a forma com a qual percebemos o objeto denominamos de sensação. A faculdade de conhecimento transcendental, é dotada de ligação de múltiplas sensibilidades e a essas sensibilidades denominamos de tempo e espaço. Em tudo aquilo que pudermos perceber serão encontrados as propriedades de tempo e espaço. Esses conceitos são universais e necessários, portanto são *a priori*, dependem exclusivamente de nossa intuição. (PASCAL,2011, p.41).

O sujeito só pode conhecer a manifestação dos fenômenos tendo como base as limitações impostas pelos sentidos, nunca podendo realmente conhecer a “coisa em si mesma”. A sensibilidade forma os conceitos e a razão organiza os dados recebidos, transformando em ideias. É com os conceitos do entendimento que a razão trabalha, ou seja, para Kant tanto os sentidos como a razão são determinantes no conhecimento.

Kant realiza a Revolução Copernicana na questão do conhecimento afirmando que, se antes a razão que se adequava aos objetos, agora os objetos que se adequam ao sujeito. As faculdades do entendimento estão no próprio homem. O sujeito que possui as condições para conhecer, onde o sujeito só tem acesso ao conhecimento através dos fenômenos que estão para uma consciência humana racional. Segundo Kant é o uso da razão que garante o nexo entre o esclarecimento e a maioridade, compreendendo a maioridade como meio primordial para o melhoramento da espécie humana.

A Revolução Copernicana no conhecimento em Kant coloca o sujeito no centro da relação com o mundo. O sujeito constrói o mundo a partir dos limites que a experiência pode desenvolver, deixando de ser espectador para se tornar sujeito ativo na construção do conhecimento e do mundo a sua volta. (DALBOSCO, 2011, p,105).

A visão Kantiana tem imensa contribuição no processo educacional, pois o educando passa a ser sujeito ativo no processo pedagógico, sendo a base e o eixo principal na aprendizagem. O sujeito deixa de ser passivo na pedagogia memorizadora, em que é concebido apenas como receptor e depósito de conteúdo e passa a nortear a construção do conhecimento, produzindo a partir de suas próprias experiências. Portanto, o educando só aprende quando constrói por si

mesmo os conteúdos da sua aprendizagem. O primeiro gosto a ser cultivado é o dos sentidos, sobretudo o da vista, e, finalmente, o das ideias. (KANT, 1999.p. 42).

A revolução Copernicana pedagógica, portanto, contribui para compreendermos que no processo de aprendizagem tanto a sensibilidade e a racionalidade são importantes na construção do conhecimento, e o sujeito, é o eixo principal dessa construção.

EDUCAÇÃO INTERDISCIPLINAR

Analisamos até agora alguns dos conceitos do filósofo e pedagogo Immanuel Kant e vamos refletir como esses conceitos podem contribuir para pensarmos na educação e seus problemas pedagógicos hoje, ou seja, o grande desafio da atualidade, a educação interdisciplinar. O fenômeno interdisciplinar é uma nova maneira de encarar a repartição epistemológica em disciplinas e das relações entre elas, pois se trata de uma das mais significativas mudanças que afetam em nossa cultura as démarches da inteligência e as formas de discurso. (JAPIASSU, 1975, p.62).

Hoje o conceito interdisciplinaridade está na moda, não só o interdisciplinar, como o transdisciplinar e o multidisciplinar. Todas essas formas seriam capazes de superar a fragmentação do saber. Meu objetivo não é discutir o método interdisciplinar em detalhes, nem definir um método pronto e acabado, mas tentar pensar a essência do conceito interdisciplinar voltado para uma educação que pense o todo, o múltiplo, que una a racionalidade e empirismo, resultando em um saber que emancipe os alunos e desenvolva um pensamento complexo que inclua

a vida, tendo como referência os conceitos Kantianos de educação, maioridade e sensibilidade.

Segundo Kant é o uso da razão que garante o nexos entre o esclarecimento e a maioridade, compreendendo a maioridade como meio primordial para o melhoramento da espécie humana. Na visão Kantiana, o professor tem papel primordial para guiar os alunos rumo ao esclarecimento. Hoje em dia, a maioria dos professores, são especialistas com um saber fragmentado, desvinculado das questões humanas. São especialistas do específico, mas esquecem o todo, ignora-se o contexto das relações. Formam-se experts. Segundo Japiassu:

O especialista é aquele que possui um conhecimento cada vez mais extenso relativo a um domínio cada vez mais restrito. O triunfo da especialização consiste em saber tudo sobre nada. Os verdadeiros problemas de nosso tempo escapam a competência dos experts, porque os experts, via de regra, são testemunhas do nada. A parcela de saber exato e preciso detida pelo especialista perde-se no meio de um oceano de não-saber e de incompetência. (JAPIASSU, 1976, p. 8).

O saber fragmentado, dividido em disciplinas nas escolas, tem os professores como propagador desse saber. As universidades formam professores especialistas, mas não compreendem que as sociedades são um organismo vivo e complexo, e que esse saber apreendido, deve transformar a realidade social. As Universidades mantem uma herança cultural de saberes e se incumbe de atualizar esse conhecimento e transmiti-los. Nessa formação histórica ela separa os objetos do contexto, torna o complexo simples, separa o que é unido, desenvolvendo uma inteligência que reduz a complexidade do mundo.

Para Morin:

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.8, n.3 jul/2018

O complexo requer um pensamento que capte relações, inter-relações, implicações mutuas, fenômenos multidimensionais, realidades que são simultaneamente solidárias e conflitivas, que respeita a diversidade, ao mesmo tempo que a unidade, um pensamento organizador que conceba a relação recíproca entre todas as partes. (MORIN,2000, p.21).

As Universidades vivem presas aos seus grandes muros conceituais completamente isoladas, não percebem as transformações sociais repetindo sempre os mesmos discursos e reproduzindo mecanismos de exclusão. Hoje, a Universidade é voltada para o corporativismo, defendendo sempre seus interesses, mostrando que, em relação a vida e o pensar complexo, se torna cada vez mais ultrapassada e dispensável.

São os professores formados nessas Universidades que estão nas escolas, com o desafio de desenvolver uma educação interdisciplinar frente aos desafios do mundo atual. Diante dos problemas causados pela supervalorização da razão e do saber científico já não existem mais respostas prontas e certas, as respostas devem ser construídas por sujeitos autônomos e pensadas de forma complexa. Todo o saber é provisório. Perante essa realidade a educação e a produção de conhecimento não deve ser mais hierarquizada, em que o professor detém os saberes em um a relação onde o saber do aluno não é considerado.

Para Kant só se desenvolve indivíduos emancipados se conseguirem pensar por si mesmos. A educação deve ser pensada em um sentido amplo, superando o saber repetitivo e memorizado e colocando o aluno no centro da aprendizagem, aproximando educação e

vida, desenvolvendo uma educação interdisciplinar voltada para a inteligência, criatividade, arte, pesquisa e ação.

Segundo o pensamento Kantiano a unidade da Razão é produto da união de três esferas distintas e autônomas: estética, teórica e moral, qualquer deficiência entre elas coloca em questão a Razão como um todo. Então a grande revolução copernicana pedagógica que Kant realizou na educação foi afirmar que, na produção do conhecimento, a razão e a sensibilidade são primordiais. A arte, a vida, a sensibilidade, o entendimento e a experiência devem estar presente na produção do conhecimento. Esse é o grande desafio da educação interdisciplinar hoje, conseguir fazer uma junção do pensamento racional com a sensibilidade, da abstração com a experiência, do pensamento com a vida.

A arte é essencial no processo de conhecimento, pois além de desenvolver a inteligência e raciocínio, desenvolve o afeto e o emocional, despertando assim, a criatividade. Ela contribui para exercitar a percepção e os sentidos, ampliando a percepção do corpo e do mundo a sua volta, integrando a comunicação, o sonoro, o visual, o gestual. Para Martins:

A linguagem da arte nos dá a ver o mundo mostrando-o de modo condensado e sintético, através de representações que extrapolam o que é previsível e o que é conhecido. É o modo de pensamento de fazer da linguagem artística que a intuição, a percepção, o sentimento/pensamento e o conhecimento se condensam. Nessa construção se relê e se repropõe o mundo, a vida e a própria arte, produzindo imagens poéticas. Pelo poder da síntese da linguagem da arte, nossa sensibilidade capta de forma de sentimento que nos nutre simbolicamente, ampliando nosso repertório de significações. Adquirimos um conhecimento daquilo que ainda não sabíamos e por isso mesmo transformamos nossa relação sensível com o mundo. (MARTINS, 1998, p.46).

A elaboração de uma proposta interdisciplinar, tendo linguagem estética como base, vai instaurar uma harmonia entre os conhecimentos racionais e emocionais, fazendo assim, uma junção entre pensamento científico e estético. Somente a relação entre os impulsos da razão e os impulsos lúdicos, através da arte, podem formar um impulso mais forte, que atuam juntos no despertar da criatividade e autonomia.

O pensamento, a análise, devem estar a favor da vida e não contra ela, por isso apenas uma formação voltada para a intelectualidade, presa em conceitos abstratos não formam um ser humano integral, mas apenas um homem teórico. Esse homem tem a cabeça enorme (conceitos), e o corpo mirrado (vida), não conseguindo aplicar os conceitos aprendidos na sua vida prática, visto que, a escola em que foi educado, vive de passado e não faz nenhuma relação com a realidade.

Substitui-se na escola a vida por conceitos, sendo que esses já vêm prontos, passados e depositados nas cabeças das crianças, como uma grande linha de montagem. Saem todos pensando iguais. São depósitos de velharias conceituais. As crianças só decoram conceitos, não aprendem a interpretá-los, elaborá-los, recriá-los, não desenvolvem a criatividade. Para MOSÉ:

Retomar a potência criativa do pensamento é a saída, resgatar o prazer de ver uma questão a partir de diferentes perspectivas, olhá-la cuidadosamente, perceber o que manifesta e o que oculta, onde se desdobra, antes de emitir, um valor. (MOSÉ, 2013, p, 80).

Como então diante dessa realidade aprender a pensar? O pensamento deve afirmar a vida e não a negar. O que as crianças estão aprendendo tem relação prática com a vida? Se não tem relação nenhuma para quem ensinar? O verbo vida, na escola, deve ser conjugado no presente e não no passado. Essa conjugação só terá sucesso se tiver como base a experiência estética e a arte como estrutura na aprendizagem.

A experiência estética faz uma união entre razão e emoção, sentimentos e sensações que nos guiam para apreendermos e conhecermos o mundo a nossa volta. O equilíbrio da razão e emoção, trazido pela experiência estética, amplia a emoção, afetividade, subjetividade e a racionalidade presentes nos seres humanos.

A arte é cultura, em que as crianças podem expressar-se livremente, favorecendo a criação de vínculos com a realidade, conseguindo se conhecer, percebendo-se como um ser social e histórico, que vive junto com os outros em sociedade. A arte contempla a vida, tão ausente no pensamento lógico, permitindo a passagem e transformação das sensações ao pensamento, reconstruindo conceitos, tendo como base o sentimento, a intuição, a emoção, a vida

A grande contribuição kantiana é que no processo de ensino e aprendizagem, tanto a sensibilidade como a racionalidade são importantes na produção do conhecimento. Se o racionalismo fragmenta e separa os saberes em partes, e o grande desafio da educação interdisciplinar é desenvolver sujeitos que pensem o todo de forma complexa, a educação estética aparece como uma possibilidade para desenvolver indivíduos completos que interpretam e modificam o mundo, construindo um conhecimento que não é só lógico, fragmentado, tem afeto, tem sentimentos. Portanto, a educação estética, é um eixo

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.8, n.3 jul/2018

integrador na formação humana, garantindo o desenvolvimento de uma formação interdisciplinar, pois forma e equilibra saberes, juntando razão e emoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos na atualidade uma crise sistêmica, ou seja, global presente em todas as esferas da sociedade (econômica, políticas, éticas), causada por uma construção de educação baseada em uma fragmentação do saber, voltada para especialização (onde se sabe tudo sobre o nada) e um reducionismo do pensamento complexo, separando o que é unido, tornando simples o complexo, exaltando a abstração e intelectualidade em detrimento da sensibilidade, da emoção, da vida.

Nesse cenário a educação interdisciplinar aparece como uma alternativa de tentar construir um modelo de pensamento que pense o todo, que una os conceitos separados em disciplinas, que desenvolva indivíduos críticos. Para isso analisamos o pensamento de Immanuel Kant onde a construção e progresso de uma sociedade se construiria através da educação, exaltando a formação humana, desenvolvendo indivíduos esclarecidos e emancipados que conseguissem pensar por si mesmos. Além de uma unificação na questão do conhecimento unindo racionalidade e experiência.

Trazendo esse pensamento de Kant para o presente, só construiremos uma pedagogia interdisciplinar quando concebermos sujeitos autônomos e com uma formação humana integral, associando a união entre razão e emoção através da experiência estética, ou seja, indivíduos que ultrapassem a mera lógica cotidiana presente no conhecimento, e exaltem a sensibilidade, a emoção, tendo como base a

construção de um pensamento vivo e complexo que pense o todo de forma articulada e global transformando a si mesmos e ao mundo ao redor, tendo como essência e eixo primordial do conhecimento a vida.

REFERÊNCIAS

DALBOSCO, Claudio. A. Kant e a educação. Coleção Pensadores e educação. Belo Horizonte: Autentica, 2011.

FAZENDA, Ivani. Didática e interdisciplinaridade. 16º ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2011.

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Nascimento e morte das ciências humanas. 2º ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

KANT, Immanuel. Os pensadores. Volume I, São Paulo: Nova Cultural, 1987.

_____. Textos seletos. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. Os Pensadores. Volume II Traduções de Tânia Maria Bernkopf, Paulo Quintela, Rubens Rodrigues Torres Filho. 1ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. Os Pensadores. Volume II 3ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

_____. Prefácio à primeira edição da Crítica da Razão pura. In Textos Seletos. Trad. Raimundo Vieira. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005

_____. Sobre a pedagogia. Piracicaba: Unimep, 1999,

MARTINS, Miriam. Didática do ensino da arte: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MORIN, Edgar. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. 5º ed. São Paulo Cortez, 2009.

_____. Rumo ao abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade. Tradução de Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007,

MOSÉ, Viviane. A escola e os desafios contemporâneos. 3ªed. Rio de Janeiro: Afiliada,2013.